



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**LEITURA E ENSINO:  
O QUE DIZEM PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?**

CARMILUCIA MORAIS SOUTO DA SILVA

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**LEITURA E ENSINO:  
O QUE DIZEM PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?**

CARMILUCIA MORAIS SOUTO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Moraes Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Carmilucia Morais Souto da.  
Leitura e ensino [manuscrito] : o que dizem professoras de língua portuguesa? / Carmilucia Morais Souto da Silva. - 2014.  
26 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais xavier,  
Departamento de Letras e Artes".

1. Leitura. 2. Ensino de leitura. 3. Prática de ensino. I.  
Título.

21. ed. CDD 372.4

**LEITURA E ENSINO:  
O QUE DIZEM PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?**

CARMILUCIA MORAIS SOUTO DA SILVA

**BANCA EXAMINADORA**

Manassés Morais Xavier NOTA: 9,5  
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)  
Orientador

Cléa Gurjão Carneiro NOTA: 10,0  
Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)  
Examinadora

João Paulo dos Santos de Andrade NOTA: 9,0  
Prof. Ms. João Paulo dos Santos de Andrade (UEPB)  
Examinador

Trabalho aprovado em: 17 de novembro de 2014

Média: 9,5

## LEITURA E ENSINO: O QUE DIZEM PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA?

SILVA, Carmilucia Morais Souto da<sup>1</sup>

### RESUMO

Consideramos as aulas de língua materna como um espaço para diferentes leituras e construção de sentidos que possibilitam, no contexto didático, o desenvolvimento de habilidades leitoras dos alunos a partir da interação com os diversos gêneros discursivos que circulam em nosso meio social. Sob esta ótica, o presente trabalho pretende: identificar as concepções sobre a leitura e ensino de leitura convocadas por professoras de língua portuguesa em atividade e refletir sobre o ensino de leitura no contexto do ensino contemporâneo de língua portuguesa. Do ponto de vista metodológico, elaboramos e aplicamos um questionário com três professoras de língua portuguesa. Em se tratando de fundamentação teórica, tivemos contribuições de referências como Orlandi (1998), Kleiman (2007), Kock e Elias (2010), dentre outras. As reflexões obtidas através das respostas fornecidas por meio do questionário aplicado nos permitiram identificar distanciamentos entre o que as professoras entendem como leitura e como ensino de leitura, uma vez que verificamos que, muitas vezes, elas entendem a leitura enquanto atividade de interação entre autor, texto e leitor, mas seus relatos sobre as metodologias de ensino de leitura revelam ações didáticas tradicionais que evidenciam um descompasso entre teoria e prática.

**Palavras-chave:** Leitura. Ensino. Interação.

### INTRODUÇÃO

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM – (BRASIL, 2006), as aulas de leitura devem ser caracterizadas como situações significativas onde haja interação entre o aluno e o texto lido, numa perspectiva que possibilite a formação de leitores críticos, capazes de se posicionarem adequadamente sobre os temas abordados nos textos lidos e tenham sua própria identidade leitora, sendo capazes de inferirem sentidos ao texto a partir dos elementos sugeridos por este.

Pensando nisso, este trabalho foi produzido na tentativa de conhecer as perspectivas que professoras de língua portuguesa possuem sobre o ensino de leitura, relacionando os seus respectivos posicionamentos com as novas teorias de ensino da leitura e de compreensão de textos nas aulas de língua materna. Portanto, se constituem objetivos deste artigo: identificar as concepções sobre a leitura e ensino de leitura convocadas por professoras de língua

---

<sup>1</sup>Graduanda em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual da Paraíba.  
E-mail: carmilucia1@hotmail.com

portuguesa em atividade e refletir sobre o ensino de leitura no contexto do ensino contemporâneo de língua portuguesa.

Partimos do princípio de que nas atividades de leitura e compreensão de textos deve-se considerar o contexto social em que o aluno está inserido. São fatores que influenciam diretamente na produção de sentido, como postula Orlandi (1998) para quem a formação discursiva resulta de uma variedade de sujeitos sociais, decorrendo da diversidade de leituras possíveis.

Considerando alguns aspectos relevantes no processo que caracteriza o ensino de leitura no ensino médio, como a utilização do conhecimento prévio, o contexto histórico-social do aluno para a construção de sentidos de um texto, Kleimam (2007) elucida que o ensino de leitura precisa se estabelecer a partir de uma relação entre leitor e autor, onde este último deve deixar pistas no seu texto com a finalidade de possibilitar ao primeiro a reconstrução do caminho que percorreu.

## **2 DISCUSSÕES TEÓRICAS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS**

Refletir acerca das concepções de ensino e aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, inspirados nos recentes estudos sobre “os letramentos”, onde diferentes linguagens interagem mobilizando conhecimentos além das letras, ou seja, além da decodificação, nos induz a pensar se as nossas práticas de ensino estão de acordo com as exigências subjacentes as práticas de linguagem, exercidas no cotidiano em que diferentes linguagens andam juntas. Para compreendermos os textos, devemos relacionar as diferentes modalidades de linguagem: oral, escrita, imagens e gráficos, para, a partir delas, construirmos sentidos, como nos orientam as OCEM (BRASIL, 2006) ao mencionar os discursos multimodais numa perspectiva sociointeracionista, que aborda a língua como um fenômeno de interação social que envolve todo um contexto onde o usuário está inserido.

Sendo assim, os sentidos de um enunciado são unívocos nem podem ser considerados como um produto acabado, pois, conforme indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais, vários que influenciam o processo de leitura e compreensão textual. Como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) - PCN - (BRASIL, 2000):

o contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever. As paixões escondidas nas palavras, as relações de autoridade, o dialogismo

entre texto e o diálogo fazem o cenário no qual a língua assume o papel principal. (BRASIL, 2000, p. 143)

Com base nesses pressupostos, não podemos considerar a língua como um sistema fechado e imutável, mas como um processo interativo de diálogo entre interlocutores que atuam discursivamente sobre o outro. Daí, a importância de pensarmos a respeito da nossa formação a fim de nos tornarmos professores reflexivos, capazes de auxiliar o aluno em sua formação leitora.

## **2.1 Desafios enfrentados pelo ensino nas escolas públicas brasileiras**

Estima-se que a escola pública no Brasil teve início entre o final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, junto com o processo de industrialização no país, conforme Libâneo (2007). O autor afirma que as diretrizes do processo de educação centravam-se no atendimento as indústrias que exigiam trabalhadores instrumentalizados na leitura, na escrita e nos cálculos. Hoje, a necessidade mercadológica da formação escolar prioriza o processo de informatização no mundo do trabalho, em que os trabalhadores precisam dominar as funções da informática.

Numa perspectiva crítica, a escola é considerada como uma instituição política, ideológica e cultural, onde grupos de diferentes interesses, crenças, valores e percepções da realidade mobilizam poderes e elaboram processos de negociação, ainda segundo Libâneo (2007). Um dos grandes desafios da escola, sobretudo pública, é contribuir com a formação do cidadão crítico em uma sociedade de permanente mutação. Sendo assim, é papel fundamental da escola preparar cidadãos capazes de entender o mundo, seu país, sua realidade e de transformá-la positivamente. Quanto a isso, o autor supracitado assevera que:

A formação para a cidadania crítica e participativa diz respeito a cidadãos-trabalhadores capazes de inferir criticamente na realidade para transformá-la, e não apenas para integrar o mercado de trabalho. A escola deve continuar investindo para que se tornem críticos e se engajem na luta pela justiça social. (LIBÂNEO, 2007, p.119)

Desse modo, a formação crítica de cidadãos se desenvolve por meio das linguagens que estes utilizam nas mais variadas situações e esferas comunicativas em que as vivências sociais se instauram, desde as situações mais simples como realizar compras em supermercado as mais complexas como entender um texto científico.

No que se refere a os objetivos de ensino pretendidos pela escola pública brasileira, os documentos oficiais como os PCN e as OCEM têm procurado reorientar o processo de

ensino-aprendizagem, no espaço escolar tendo como foco o aluno, buscando a qualidade da escola no intuito de favorecer as condições essenciais ao processo de inclusão e de democratização das oportunidades no Brasil, ademais buscam vencer o desafio de oferecer uma educação básica de qualidade para a inserção do aluno, o desenvolvimento do país e a consolidação da cidadania - finalidades estas que se aproximam do que entendemos como objetivos de práticas de leituras, conforme apresentaremos nas discussões dos próximos tópicos.

## **2.2 O que é ler?**

Segundo Koch e Elias (2010), a leitura é uma atividade de produção de sentido e um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e de interpretação de textos. Nesses termos, não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação sem as quais não é possível a proficiência.

Esta abordagem reforça a atividade do leitor como um produtor de sentidos, utilizando as estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação. Assim, entendemos o desafio do professor enquanto facilitador da aprendizagem, oportunizando ao aluno habilidades/estratégias de processar as ideias apresentadas em um determinado texto, avaliar, se opor, dar sentido ao que lê fugir da mera decodificação, que entre em ação o leitor e seus conhecimentos prévios em interação com o autor e o texto no processo de construção de sentido.

Para Koch e Elias (2010), na atividade de produção de sentido de um texto se deve considerar a sua materialidade linguística, os conhecimentos do leitor, lugar social, vivências, valores da comunidade onde o leitor está inserido, fatores que agem diretamente na interação e no sentido que o texto irá fazer a um determinado leitor. Esses fatores que exercem influência na produção de sentido de um texto serão relevantes à construção da leitura - fenômeno que varia de acordo com as circunstâncias de leitura, considerando também o conhecimento dos elementos linguísticos, cultura, circunstâncias em que o texto foi produzido e conhecimentos enciclopédicos dos leitor, como nos aponta Orlandi (1998):

o que caracteriza qualquer discurso é a multiplicidade de sentidos possível. Assim, o texto não resulta da soma de frases, nem da soma de interlocutores: O(s) sentido(s) de um texto resulta(m) de uma situação discursiva, margem de enunciados efetivamente realizados. Esta margem - este intervalo - não é vazio, é o espaço determinado pelo social. (ORLANDI, 1998, p. 23)

Dessa forma, a função do ensino de leitura no que se refere à produção de sentido(s) de um texto e as implicações para que a produção de sentido(s) ocorra, efetivamente, deve ser caracterizada pela interação do leitor com o texto dentro de um contexto histórico e social. Vale à pena enfatizar que o exercício da leitura requer envolvimento do leitor nesse processo, na ativação de conhecimentos prévios, a fim de se efetivar a interação entre autor, texto e leitor, possibilitando, assim, a compreensão textual.

De acordo com os PCN (2000), a compreensão de textos envolve habilidades, como a análise e interpretação, aplicando os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos e seus contextos, em relação à função, organização, de acordo com as condições de produção e recepção do texto.

Nessa reflexão, na busca por compreender o processo de ensino e abordagem da leitura, bem como o que ela nos representa, Orlandi (1998) afirma que a leitura nos leva a um novo mundo e nos faz entender que a formação do leitor deve ser construída na interação entre a leitura e o agir, considerando o contexto histórico, onde a leitura é tomada como a construção de sentido que é realizada por meio da interação das vozes do autor, do texto e do leitor.

Kleiman (2007) define a leitura como sendo uma atividade social entre dois sujeitos: o leitor e o autor que interagem entre si, por meio de um processo pelo qual obedecem a objetivos e necessidades sociais. A autora defende que a leitura no contexto escolar deve ser realizada com um objetivo específico, ou seja, com uma função social pré-estabelecida que, segundo a autora, permite ao leitor lembrar mais e melhor o conteúdo lido. Assim, “a capacidade de estabelecer objetivos na leitura é considerada uma estratégia metacognitiva, isto é, uma estratégia de controle e regulamento do próprio conhecimento” (KLEIMAN, 2007, p. 34). Outra questão importante na atividade do leitor na construção de sentidos de um texto é a formulação de hipóteses, considerando que o texto não é um produto acabado, as hipóteses favorecem a compreensão da leitura:

Ao formular hipóteses o leitor estará predizendo temas, e ao testá-las ele estará depreendendo o tema; ele estará também postulando uma possível estrutura textual, e, na testagem de hipóteses, ele estará reconstruindo uma estrutura textual; na predição ele estará ativando seu conhecimento prévio, e na testagem ele estará enriquecendo, refletindo, checando esse conhecimento. (KLEIMAN, 2007, p. 43)

Nesses termos, Kleiman (2007) classifica como relevantes na compreensão de um texto escrito, o estabelecimento de objetivos e a formulação de hipóteses, atividades que ocorrem através da reflexão e da ativação de conhecimentos prévios do leitor.

Antes de encerrarmos este tópico, apresentamos os modelos de leitura, com base em Bezerra (2000):

**Modelo Ascendente:** as teorias de decodificação concebem a leitura como decodificação sonora da escrita. Sendo assim, a leitura é um processo mediado pela compreensão oral, a qual é associada ao significado.

**Modelo descendente:** as teorias cognitivas ampliam a unidade de estudo (não mais a palavra e, sim, o texto) e defendem a ideia de que o significado do texto está na mente do leitor. A informação vem do leitor, através de seus conhecimentos prévios, de suas hipóteses; a leitura é, então, uma construção de sentidos, pois o leitor lança mão de seus conhecimentos de mundo para imprimir sentido ao texto.

**Modelo ascendente/descendente:** as teorias interacionais de leitura; de base cognitiva e comunicativa. O leitor usa sua competência como leitor e interage com o autor por meios de procedimentos interpretativos seguidos de pistas linguísticas.

**Modelo de letramento:** as teorias sociopolíticas de base sociológica, antropológica, cognitiva e educacional. Concebem a leitura e a escrita como práticas sociais importantes para a sobrevivência nos centros urbanos. A leitura é vista como instrumento de conquista e poder.

Dessa forma, as noções desses modelos de leitura podem contribuir para um posicionamento teórico-metodológico em que o professor, em situação de ensino de leitura, conduzirá sua didática em função de atividades que façam os alunos ultrapassarem a ascendência do código e alcançarem os letramentos: requisitos essenciais para a formação de competências leitoras críticas e reflexivas.

### **2.3 A relevância da leitura proficiente na sociedade**

Sendo a língua uma forma de manifestação da linguagem, vivemos numa sociedade em que se articulam diferentes linguagens, onde interagem diversos sistemas como os sons, imagens e gestos na produção de sentido, tornando a leitura como uma atividade que se dá através de múltiplos saberes, como o contexto, a interação entre autor e leitor por meio do texto. Nesse sentido, Soares (1998) afirma que:

a leitura é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas

relações com o mundo e com os outros. O autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES, 1998, p. 18)

Na estrutura social, o lugar ocupado tanto pelo leitor quanto pelo autor interfere em suas relações com o mundo, nos levando a refletir sobre outra questão relacionada às condições sociais da leitura, como afirma Soares (1998), para quem a leitura se constitui um meio pelo qual se proporciona uma forma de lazer e de prazer, bem como de aquisição de conhecimentos e de interação social. Daí, segundo a autora do a (1998), atribui-se um conteúdo ideológico a valorização do acesso a escrita nas sociedades capitalistas em que a alfabetização passa a ter caráter classificatório para as camadas populares no que se refere ao acesso ao mundo discursivo novo, podendo, assim, destituí-la do seu próprio discurso, desse modo, fortalecendo a hegemonia do discurso dominante. Segundo a autora, o acesso a esse mundo para as camadas populares não vai além do fundamental passo que é a alfabetização, dificultando o acesso a leitura, como vemos no trecho a seguir:

as condições sociais do acesso à leitura, em nossa sociedade capitalista, são diferenciadas: discriminam-se as camadas populares pelo reforço de sua concepção pragmática da leitura, a que se atribui apenas um “valor de produtividade”, enquanto para as classes dominantes, ler é proposta de prazer e de lazer, de enriquecimento cultural e ampliação de horizontes; supervaloriza-se um discurso escrito que legitima a ideologia das classes dominantes, expropriando as classes dominadas de seu próprio discurso; sonega-se às camadas populares o acesso à produção escrita, facilitando-o, porém, as classes favorecidas. (SOARES, 1998, p. 25, aspas da autora)

Ainda sobre as condições sociais das práticas de linguagens, os Referenciais Curriculares para o Ensino médio da Paraíba (2006) esclarecem que a identidade do indivíduo também é construída socialmente nas práticas de linguagens, constituindo-se, portanto, um fator social e não inerente aos indivíduos isolados, sendo que na interação social os indivíduos se posicionam se diferenciando de acordo com o sexo, a religião a raça a classe social a idade etc., ou seja, todo um contexto em que esse indivíduo se insere, podendo gerar desigualdade social.

#### **2.4 Língua e linguagens: orientações oficiais e acadêmicas sobre o ensino de leitura**

Várias reflexões têm sido feitas em torno dos conceitos de língua e de linguagens, bem como de perspectivas de abordagens de ensino. No objetivo de refletir sobre alguns conceitos

adotados por estudiosos do assunto e o que nos orienta os documentos oficiais, discorreremos, então, sobre alguns conceitos referentes a essa questão.

As OCEM (BRASIL, 2006, p. 31) nos orientam que as práticas de linguagens envolvem diferentes sistemas como: imagens, sons, gestos, movimentos, cores etc., mobilizando conhecimentos além das letras. Sobre esse posicionamento, as OCEM afirmam que "a língua realiza-se por meio de textos, definidos como um todo significativo, independente de sua extensão, e concretizados por meio de formas sócio-historicamente estabilizadas, denominadas gêneros textuais" (BRASIL, 2006, p. 22).

Vale ressaltar que para a compreensão da linguagem não basta conhecer sua estrutura, mas também os elementos que envolvem o processo do enunciado, as condições de produção como, tempo, lugar, função representativa dos interlocutores, relações sociais, objetivos de interlocução entre outros fatores que dão significados a o fenômeno enunciativo.

Na busca de orientar acerca desses fatores que envolvem a compreensão da linguagem, as OCEM (2006) orientam que se pode conceber a língua como uma das manifestações da linguagem, entre outros sistemas já citados anteriormente. Desse modo, o homem em suas práticas de interação usa o sistema linguístico com suas regras no processo de construção de sentidos através das diversas modalidades de textos.

Assim, o ensino da língua caracteriza-se pelo desenvolvimento de práticas de linguagem construídas através da interação entre os sujeitos envolvidos em uma situação de interação, nas práticas sociais de uso da língua. Ainda de acordo com Orlandi (1998), a competência leitora vai se formando gradativamente, em experiências de interação com o universo natural, cultural e social em que o leitor está inserido, considerando, assim, a relação entre o leitor e o conhecimento, bem como sua relação com o mundo. Sobre esse assunto, a autora enfatiza que na construção da leitura deve-se considerar a formação discursiva do leitor, constituída pela formação ideológica, influenciando na construção de sentido do texto, dependendo da formação discursiva o texto pode variar de sentido.

No que se refere ao leitor e aos aspectos de construção da leitura, Orlandi (1998) ressalta que há alguns aspectos a ser considerado: primeiro, que o leitor e sua relação com a situação e o contexto e segundo, que na leitura o leitor se constitui e se identifica por meio do processo de interação e ideologia. Assim, no processo de compreensão de um texto deve-se considerar todo um aspecto de implícitos da relação de leitura. Espera-se, então, que as atividades de leitura se caracterizem como situações significativas de interação entre o aluno, contexto social e os autores lidos, gerando a possibilidade de múltiplas leituras e a construção de vários sentidos.

## 2.5 Os gêneros discursivos no ensino de leitura

A leitura, nesse trabalho, é concebida como uma atividade de produção de sentido(s), tendo por base a interação autor-texto-leitor. Koch e Elias (2010) apontam que o processo de leitura e a construção de sentidos dos textos são inseridos nas mais variadas situações do cotidiano onde lemos textos diversos tais como: cartas emails, anúncios, poesia, tirinhas, piadas etc. São exemplos de gêneros textuais que sofrem variações de acordo com as situações comunicativas, resultando na modificação dos gêneros e em alguns casos resultam em outro gênero. As autoras defendem a ideia de que os gêneros textuais configuram práticas sociocomunicativas e construídas de um determinado modo e com certa função, possuindo formas padrão relativamente estáveis:

afirmar que os gêneros são produzidos de determinada forma não implica dizer que não sofrem variações ou que elegemos a forma como o aspecto definidor do gênero textual em detrimento de sua função. Apenas chamamos a atenção para o fato de que todo gênero, em sua composição, possui uma forma, além de conteúdo e estilo. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 106)

Dessa forma, segundo as autoras, todo gênero é marcado por sua atuação promovendo assim modos específicos de combinar conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição. De acordo com essas abordagens, Koch e Elias (2010) ainda elucidam que a noção de gênero é baseada em práticas sociais e conhecimentos socioculturais, podendo sofrer variações de forma, tema e estilos, bem como a noção de que todo gênero possui estilo; além disso, os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função.

Pensando nas funções dos gêneros textuais, Marcuschi (2010) acrescenta que os gêneros circulam nas modalidades orais e escritas, desde as mais informais as mais formais e em todos os contextos da vida cotidiana. Segundo o autor, alguns gêneros só se apresentam na forma oral, embora tenham sido produzidos originalmente na forma escrita, a exemplo das notícias veiculadas no rádio e televisão. Assim, fica claro que os gêneros textuais são bastante heterogêneos e em alguns casos híbridos em relação à formas e ao uso. Marcuschi (2010) ainda enfatiza que os gêneros textuais não é uma invenção individual, mas formas de práticas comunicativas socialmente maturadas.

Referente ao ensino com os gêneros, Marcuschi pontua que, em sala de aula, de acordo com essa perspectiva de gênero abordada, deve-se levar o aluno a produzir e analisar

eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos quanto os orais, e a reconhecerem as características de gênero em cada um. O autor ainda acrescenta que “tem-se a oportunidade de observar tanto a oralidade como a escrita em seus usos culturais mais autênticos sem forçar a criação de gêneros que circulam apenas no universo escolar” (MARCUSCHI, 2010, p. 36).

Ainda sobre a abordagem do gênero na sala de aula, os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006) orientam que uma proposta curricular deve priorizar na escolha dos gêneros para o ensino aqueles que atendem as atuais demandas sociais, enfatizando nesse ensino a variação de elementos, como a modalidade oral e escrita, e também o suporte, o contexto sociocultural.

No referido documento é posto que alguns aspectos dos gêneros textuais devam ser priorizados nas três séries do ensino médio, tais como a distribuição dos gêneros por esferas sociais de circulação e por modalidade, levando em conta as capacidades do educando de ensino médio e as características do usuário da linguagem. Sobre as esferas sociais de circulação, trabalhar iniciando com os gêneros mais familiares depois partindo para os mais distantes, como os de divulgação científica, por exemplo, destacando também os mais variados suportes que circulam na sociedade, incluindo diferentes textos direcionados a diferentes leitores. Desse modo, expõem o educando a vários tipos de textos e em várias situações comunicativas, dando oportunidade do educando vivenciar várias práticas de uso da linguagem.

### **3 LEITURA E ENSINO DE LEITURA: UM OLHAR SOBRE A VISÃO DAS PROFESSORAS**

Com base nas reflexões apresentadas na fundamentação teórica, este tópico se propõe a analisar os dados coletados através da aplicação de um questionário para professoras de língua portuguesa que estão atuando em sala de aula<sup>2</sup> e tem como objetivo identificar as concepções que as professoras participantes da pesquisa possuem sobre o que é leitura, suas práticas sociais de leitura, da leitura como objeto de ensino, do investimento dos professores em formação continuada e da relação entre teoria e prática.

---

<sup>2</sup> Este foi o critério de seleção para a constituição do *corpus* deste trabalho: o fato de as professoras colaboradoras estarem, no momento da geração de dados, exercendo atividades didático-pedagógicas no ensino de língua portuguesa.

### 3.1 Concepções de leitura

Com base no que já foi exposto sobre a leitura na fundamentação teórica, vimos que alguns estudiosos como Kleiman (2007), Orlandi (1998), Koch e Elias (2010) corroboram com a ideia de que a leitura é uma atividade social entre dois sujeitos, o leitor e o autor: os quais interagem entre si por meio de um processo em que obedecem a objetivos e necessidades socialmente determinados. Desse modo, a leitura é uma atividade no qual o leitor também realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de textos. E vai além do contexto escolar.

A partir dessas reflexões entendemos a leitura como uma atividade que envolve as mais diversas esferas do cotidiano. Percebemos igualmente que cada indivíduo possui sua própria concepção sobre o que é a leitura e aquela geralmente é construída por meio das correntes teóricas que lhe são ensinadas no período de sua formação, desde o ensino básico ao superior.

Assim, a partir das respostas fornecidas no questionário conseguimos identificar qual a concepção de leitura das três professoras que colaboraram com este trabalho. Elas de agora em diante serão chamadas por nomes fictícios. Por isso, a partir da ordem de apresentação nos Anexos deste trabalho, a colaboradora um chamaremos as professoras respectivamente de Ana, Carla e Patrícia. Vejamos o que elas responderam sobre o que é a leitura.

**Ana (formada em 2011):**

*“-É um processo de interação com o texto em que o leitor poderá construir múltiplos significados.”*

**Carla (formada em 2002):**

*“-É um processo no qual desenvolve o raciocínio lógico, o senso crítico e a capacidade de interpretação que envolve a percepção, a dedução. É uma atividade que se inicia no círculo familiar, passa pela escola e nos acompanha por toda vida.*

**Patrícia (formada em 2004):**

*“-É tudo aquilo que eu compreendo de forma verbal, não verbal ou mista.”*

Para Silva (2009), a atividade de leitura não se restringe ao texto escrito, lê-se o mundo que se revela ao leitor atento em múltiplas linguagens:

lê-se um filme, um texto ou uma imagem publicitária, um rosto, um gesto, um tom de voz. Leem-se também, como sempre souberam fazer os animais, os sinais da

natureza. Assim, tudo aquilo que se apresentar aos nossos sentidos com possibilidade de interpretação pode ser entendido como objeto de leitura. (SILVA, 2009, p. 67)

Pensando a leitura de acordo com essa perspectiva de que o ato de ler não se limita a decodificação do texto e nem apenas as práticas escolares, notamos que a resposta da professora Ana baseia-se em práticas escolares que se vinculam ao contexto social do aluno, associando a atividade de leitura às suas práticas sociais. Desse modo, entendemos que o ato de ler envolve as mais diversas esferas do cotidiano, atendendo a inúmeras necessidades exigidas em nossas práticas sociais.

Segundo Solé (1998) é o objetivo de leitura que vai guiar a interpretação dos textos que lemos. Assim, de acordo com as vivências e experiências socioculturais do leitor o texto possui um determinado significado, ou seja, um mesmo texto pode possuir diferentes significados de acordo com o objetivo de leitura e os conhecimentos prévios ativados por seus leitores. A visão de leitura da professora Carla aproxima-se das novas propostas de abordagem de ensino envolvendo o contexto social do aluno, com as suas múltiplas leituras não apenas escolar, a vida. Como bem disse Silva (2009), lê-se o mundo. Aqui a professora apresenta uma concepção de leitura aproximada das esferas de comunicação, incluindo o circuito familiar passando pela escola e seguindo por toda vida. Há então um caráter social da leitura. Na resposta da terceira colaboradora (Patrícia) notamos que sua perspectiva de leitura está focada na compreensão, ou seja, com o foco no autor. A professora não relaciona a atividade de leitura a uma prática social de linguagem. Esta concepção é entendida, conforme Koch e Elias (2010), como sendo a leitura em que o leitor tem por objetivo traduzir o pensamento do autor, funcionando como um processo mecânico de "captação" das ideias do autor. Defendemos que é preciso ir além deste foco, concebendo a leitura pelo foco da interação entre autor-texto-leitor, conforme nos apresentam Koch e Elias (2010).

### **3.2 A leitura como objeto de ensino**

Como já foi discutido anteriormente, Orlandi (1998) chama a atenção para o fato de que a abordagem do ensino da leitura deve atentar para que esta se caracterize como situação significativa entre o aluno, contexto social e os autores lidos, tornando uma atividade de múltiplas leituras e a construção de vários sentidos. Sobre essa questão perguntamos as nossas colaboradoras com que função a leitura é abordada em sala de aula e quais os pensamentos

que possuem sobre o papel da leitura na formação do aluno. Eis as respostas, conforme Anexos.

**Ana (formada em 2011):**

a) *“-Com a função de incentivar a leitura de textos literários e inúmeros gêneros textuais”.*

b) *“-O aluno que lê escreve melhor, ou seja, adquire conhecimento, como também aperfeiçoa a ortografia. No que compete à formação social ao ler o discente também é preparado para o exercício de cidadania”.*

**Carla (formada em 2002):**

a) *“- Com a função de desenvolver o raciocínio lógico, estabelecendo um diálogo entre tudo o que a leitura nos traz e, atribuir significados ao que ler; formar cidadãos críticos e conscientes para viver bem na sociedade”.*

b) *“- O papel da leitura é formar o aluno um cidadão crítico, consciente, melhorar o vocabulário e ampliar a criatividade, etc”.*

**Patrícia (formada em 2004):**

a) *“-No intuito de despertar a criticidade e curiosidade dos alunos”.*

b) *“-De suma importância se for aplicada da maneira ideal (já que a perfeita não é possível dentro do contexto problemático da rede pública)”.*

Partimos da assertiva de que o ensino de leitura precisa levar em consideração o porquê? o como? e para que? e que o saber ler tem sido confundido com o saber decifrar, porque a leitura está além da decifração por apresentar outra natureza, ou seja, a leitura é um ato de interrogar a escrita, significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo. Desse modo, não podemos pensar o ensino de leitura apenas como uma prática escolar, mas como uma atividade significativa para o contexto social do aluno, trazendo as vozes de suas práticas de linguagem do cotidiano construídas através da interação entre os sujeitos nas práticas sociais de uso da língua em que o leitor está inserido, a fim de que a leitura tenha objetivo(s) e faça sentido para a vida do aluno.

A função com que a leitura é abordada em sala de aula na resposta da professora Ana, nos mostra, em primeira instância, que não há portanto um trabalho sistematizado com a leitura, o qual deve ser realizado a partir da compreensão de os textos possuem uma função social e vários fatores influenciam no processamento textual, por exemplo. Essa atividade está ligada a leitura escolar enfatizando os textos literários, sem apontar para a necessidade

social da leitura, ou seja, a leitura além do contexto escolar, apenas como ação didática. E sobre o papel da leitura na formação do aluno, ao responder que o aluno que lê escreve melhor e também aperfeiçoa a ortografia, entendemos aqui que a leitura está sendo tratada como uma atividade de decodificação submissa ao ato de escrever, vinculado a escrita tradicional. Sobre isso, Kleiman (2007) diz que a leitura pode ser tratada como uma atividade social na qual os sujeitos leitor e autor interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Aqui fica claro que o ensino de leitura deve então estar ligado a uma prática social pré-estabelecida e não como pretexto para a aquisição da boa escrita.

Nas respostas da professora Carla, como também verificamos na resposta da professora Ana, aborda a função da leitura em sala de aula como uma atividade que visa desenvolver a formação de cidadãos críticos para viver em sociedade, bem como atribuir significados a leitura. Notamos então que a perspectiva de ensino da referida professora se aproxima das novas abordagens sobre o ensino de leitura, não apenas a leitura como código do texto escrito, mas uma leitura de mundo com suas múltiplas linguagens. E sobre o papel da leitura na formação do aluno, ela respondeu que é papel da atividade leitora formar o aluno um cidadão crítico, oscilou ao abordar sobre a questão de ampliar o vocabulário, porque recorre a questão do bem falar e do bem escrever. Não estamos aqui afirmando que o aluno não deve possuir essas competências, ou seja, que ele não deva dominar os conhecimentos referentes a norma padrão da língua, mas que o ensino de leitura não esteja pautado apenas nesses aspectos da língua, mas nas múltiplas linguagens. Lembrando que a atividade de leitura além do prazer e de diversão é uma competência exigida nas mais diversas esferas do cotidiano, ou seja, é uma prática social, sendo uma necessidade de todo e qualquer cidadão.

Nas respostas da professora Patrícia, notificamos à ausência de qualquer referência a importância da leitura nas práticas sociais do cotidiano, embora vejamos em suas palavras uma preocupação em "*despertar a criticidade e curiosidade dos alunos*". No entanto, esta preocupação não é desenvolvida em sua resposta. Sobre a função da leitura há contradição quanto as suas práticas de leitura (ou do ensino da leitura), pois não fica claro que forma ideal de leitura seria essa. De acordo com o nosso instrumento de pesquisa que é o questionário, não temos como saber ou questionar sobre essa tal maneira ideal de leitura a que a professora se refere. Em conformidade com o que ela já afirmou em respostas anteriores seria despertar a criticidade do aluno, porém fica uma lacuna referente ao conceito ideal de leitura da professora. E sobre o incentivo dado aos alunos para influenciá-los a ler ela apresenta um conceito de leitura voltado para as práticas de leitura apenas escolar, sendo recorrente o

desprezo pelas outras esferas de comunicação do cotidiano, entendemos a partir de suas respostas que o conceito de leitura aqui defendido é a leitura sugerida pela escola. Sobre essa questão Orlandi (1998) diz que a leitura é determinada pelo social, entendemos, então, que a leitura não deve ser solta, sem propósito, é uma atividade intensamente social, atrelada as práticas do cotidiano como já foi dito, a leitura se insere nas mais variadas situações comunicativas.

### **3.3 Efeitos da relação entre teoria e prática**

Concebendo a teoria como um suporte para a prática, ou seja, a teoria está associada a prática e vice-versa, julgamos necessário verificar como se deu a abordagem do ensino da leitura durante a formação acadêmica para a atuação dos professores em sala de aula e quais as concepções de leitura estudadas por esses professores. Questionamos as professoras colaboradoras acerca de como se realizou durante a formação a abordagem de ensino de leitura para a atuação em sala de aula e que concepções eram colocadas em discussão na época de graduação e se as teorias vistas na formação estão sendo aplicadas em sala de aula. Obtivemos então as seguintes respostas:

#### **Ana (formada em 2011):**

a) *“-Foi incentivado um trabalho com a oralidade através de uma leitura interativa, crítica e de reconstrução dos sentidos do texto. Leitura ascendente, descendente, ascentente-descendente”.*

b) *“-Sim, um exemplo é o método de leitura ascendente- descendente”.*

#### **Carla (formada em 2002):**

a) *“- A leitura que leva em consideração as experiências e os conhecimentos do leitor, uma vez que o texto não é simplesmente produto de decodificação lingüística de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo”.*

b) Sobre as teorias vistas concernentes as perspectivas de abordagem da leitura durante a formação a professora não respondeu.

#### **Patrícia (formada em 2004):**

a) *“-Absurdamente atropelada por professores descompromissados e sem nenhuma didática para tal; não atuavam de maneira seqüenciada”.*

b) *“-Quase nunca. Tive que buscar outros meios”.*

Entendemos e defendemos aqui neste trabalho a ideia de que as teorias aprendidas, durante a formação dos professores, refletem em suas práticas em sala de aula, ou deveria refletir, já que as teorias funcionam para orientar as práticas. Nas respostas obtidas percebemos as concepções que as professoras apresentam sobre leitura e ensino de leitura. Nas respostas da professora Ana, ela aborda sobre a oralidade, recorrendo e sinalizando para uma concepção tradicional de leitura visando o bem falar, desprezando sempre as funções sociais da linguagem, conforme vimos no tópico 3.2. A referida professora, mesmo em alguns momentos apontando para teorias socialmente dialógicas, em seus conceitos de função e abordagem da leitura aponta para uma prática tradicional de ensino de leitura voltando-se para a abordagem da leitura como atividade escolar, desvinculada das práticas sociais, conforme o fragmento: "*Sim, um exemplo é o método de leitura ascendente- descendente*".

Já nas respostas da professora Carla percebemos que ora ela possui práticas tradicionais, ora possui práticas socialmente dialógicas. Nas respostas da professora Patrícia, notamos aqui um ponto crítico em relação aos conceitos que ela apresenta sobre as concepções de leitura e ensino de leitura, A partir das respostas dadas pela professora concluímos, por suposição e relação hipotética, que os alunos da referida professora padecem, mesmo esta se encontrando em uma pós-graduação em nível *stricto sensu*, ela não revela em suas respostas reflexos das atualizações de cursos ou capacitações, do ponto de vista conceptual da leitura, já que nos limitamos ao ponto de vista conceptual, por tratar-se de um instrumento de pesquisa limitado que é o questionário. Em suma esse professor não pode exigir que os alunos leiam até porque ele não se considera leitor, em função ao que ele concebe enquanto leitor, enquanto sujeito social de leitura e, conseqüentemente, enquanto multiplicador social desta concepção que se dá por meio do ensino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como bem disse Benevides (2008), a prática de leitura se dá por uma relação dialógica inserida na produção discursiva, em que o sujeito que lê estabelece uma relação de sentido entre os enunciados existentes nos textos escritos: "a leitura afeta as relações interpessoais desenvolvidas pelo significado social das leituras é no mundo que se constitui a consciência dos sujeitos que estão envolvidos com a leitura, pela construção das interpretações" (BENEVIDES, 2008, p. 98).

Partindo desse pressuposto compreendemos a leitura como uma atividade social de contínuo aprendizado, que se aprimora com novas habilidades a cada experiência de leitura,

onde o aluno vai adquirindo e desenvolvendo estratégias leitoras e construindo sua própria identidade leitora nas mais variadas esferas comunicativas do cotidiano, sendo um dos principais objetivos no ensino da leitura a mediação na formação de um leitor autônomo, capaz de inferir sentidos aos textos e de se posicionar criticamente em relação ao tema abordado nos textos lidos.

Nesse contexto, a escola precisa ser um ambiente que favoreça e desperte o aluno a interagir com o texto e que o induza a discussão, a expor os diferentes pontos de vista possíveis de compreensão do texto. Nesse sentido, é interessante que o professor seja um mediador na discussão com a turma, a fim de criar no contexto escolar um ambiente favorável à divergência, entendendo que a diferença de opiniões enriquece o aprendizado.

De acordo com os PCN (BRASIL, 2000), a leitura deve ser usada como objeto de aprendizagem e é necessário que ele faça sentido para o aluno, afastando-se do modelo de ensino em que o aluno não vê referência e nem sentido no que lê. Portanto, é objetivo do ensino da leitura orientar na formação de cidadãos capazes de compreender os diferentes textos que circulam na sociedade.

As reflexões obtidas através das respostas fornecidas por meio do questionário aplicado nos causaram impacto no que se refere ao nosso processo de formação enquanto professor, referente ao trabalho docente da contemporaneidade. Lembrando que o objetivo desse trabalho não categoriza determinado professor como ruim ou bom, sendo, portanto, objetivo nosso apontar questões relevantes ao ensino, pois são dados que suscitam reflexões sobre a prática.

Em linhas gerais, as reflexões obtidas através das respostas fornecidas por meio do questionário aplicado, nos permitiram identificar distanciamentos entre o que as professoras entendem como leitura e como ensino de leitura, uma vez que verificamos que, muitas vezes, elas entendem a leitura enquanto atividade de interação entre autor, texto e leitor, mas seus relatos sobre as metodologias de ensino de leitura revelam ações didáticas tradicionais que evidenciam um descompasso entre teoria e prática, enfatizando modelos ascendentes e descendentes de leitura, desprezando, sobretudo, o de letramento, que proporcionam ou podem proporcionar a formação de sujeitos leitores críticos e reflexivos, politizados.

## **ABSTRACT**

We consider classes of mother tongue as a space for different interpretations and construction of meanings that enable, in the learning context, the development of students' abilities readers from interaction with the various genres that circulate in our social environment. From this perspective, this study aims to: identify the conceptions about reading and reading instruction

are called by teachers of English language at work and reflect on the teaching of reading in the context of the contemporary teaching of the Portuguese language. From a methodological standpoint, we developed and applied a questionnaire with three teachers of English language. In terms of theoretical foundation, we as contributions reference Orlandi (1998), Kleiman (2007), Kock and Elias (2010), among others. The reflections obtained through the responses provided through the questionnaire allowed us to identify distances between what teachers understand how reading and how reading instruction, since we find that, often, they understand reading as an activity of interaction between author, text and reader, but his reports on methodologies for teaching reading reveal traditional didactic actions that show a mismatch between theory and practice.

**Keywords:** Reading. Education. Interaction.

## REFERÊNCIAS

BENEVIDES, A. S. A leitura como prática dialógica. In: ZOZZOLI, R. M. D; OLIVEIRA, M. B. (Orgs). *Leitura, escrita e ensino*. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 87-110.

BEZERRA, M. A. Ainda desafios para o próximo milênio. *Graphos*. João Pessoa: Ideia, 2000, p. 73-80.

BRASIL. *Orientações Curriculares Para o Ensino Médio*. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Volume I. Brasília: Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação, 2006.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação, 2000.

KLEIMAN, Â. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 10. ed. Campinas - SP: Pontes, 2007.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LIBÂNEO, J. C. *Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização*. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2010.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1998.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**ANEXOS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

CENTRO DE EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO PARA COLETAS DE DADOS DESTINADOS A PROFESSORES  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. O que é leitura?

É um processo de interação com o texto em que o leitor pode construir múltiplos significados.

2. Quais suas práticas de leitura enquanto sujeito social de linguagem?

Leitura bíblica, literária, pedagógica e de diversos gêneros textuais que circulam no cotidiano.

3. Além do contexto escolar, que outras instâncias letradas se encontram em suas práticas de leitura?

Casa, igreja; no cotidiano

4. Ano de formação acadêmica (graduação):-----2011-----

5. Possui outros títulos além da graduação quais?

Sim. Licenciatura em Pedagogia; Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Português.

6. Participa de projetos para capacitação de professores? Quais?

Sim. Curso: Os caminhos da escrita (Olimpíada de Língua Portuguesa) e Combate ao Trabalho Infantil (P. merinos).

7. Com que função a leitura é abordada em sala de aula?

Com a função de incentivar a leitura de textos literários e inúmeros gêneros textuais.

8. O que você pensa sobre o papel da leitura para a formação social do aluno?

O aluno que lê escreve melhor, ou seja, adquire conhecimento, como também aperfeiçoa a ortografia. No que compete à formação social, ao ler o discente também é preparado para o exercício de cidadania.

9. Qual o incentivo dado aos alunos para influenciá-los a ler?

Visita à biblioteca. Este ano apliquei o projeto Leitura na Praça com o acompanhamento da turma do 9º ano.

10. Utiliza a leitura de gêneros textuais como método de ensino de ensino de leitura? De que forma essa prática é desenvolvida em sala de aula? Conte-nos um exemplo.

Sim. Um exemplo diz respeito ao ensino do gênero textual "Artigo de Opinião", em que aplico uma sequência didática, tendo como produto final a escrita do artigo e a publicação de uma comunidade do Facebook da escola.

11. Quais os critérios de avaliação utilizados para avaliar o nível de leitura dos alunos?

Desenvolvimento da oralidade,  
pontuação  
Interpretação dos sentidos dos textos.

12. Durante sua formação, como se deu a abordagem de ensino de leitura para a atuação em sala de aula? Que concepções de leitura eram colocadas em discussão na sua época de graduação?

Foi incentivado um trabalho com a oralidade através de uma leitura interativa, crítica e de reconstrução dos sentidos do texto. Leitura ascendente, descendente, ascendente-descendente.

13. As teorias vistas, sobre as perspectivas da leitura, durante a sua formação são aplicadas em sala de aula, ou seja, há como associar teoria e prática?

Sim, um exemplo é o método de leitura ascendente-descendente.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CENTRO DE EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO PARA COLETAS DE DADOS DESTINADOS A PROFESSORES  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. O que é leitura? É um processo no qual desenvolve o raciocínio lógico, o senso crítico e a capacidade de interpretação. Envolve a percepção, a dedução. É uma atividade que se inicia no círculo familiar, passa pela escola e não acompanha por toda vida.

2. Quais suas práticas de leitura enquanto sujeito social de linguagem?

As práticas de leitura deve ser prazerosas, as fábulas e as histórias em quadrinhos, são contos chamam mais atenção dos adolescentes.

3. Além do contexto escolar, que outras instâncias letradas se encontram em suas práticas de leitura?

4. Ano de formação acadêmica (graduação): 2002

5. Possui outros títulos além da graduação quais? Sim.

\* Pós graduada em -linguística aplicada ao ensino de português em 2013 pela FIP. e Ensino e Aprendizagem em 2006 pela FACISA

6. Participa de projetos para capacitação de professores? Quais?

No momento não.

7. Com que função a leitura é abordada em sala de aula?

com a função de desenvolver o raciocínio lógico, estabelecendo um diálogo entre tudo o que a leitura nos traz, atribuindo significados ao que ler. Tornar cidadãos críticos e conscientes para viver bem no mundo.

8. O que você pensa sobre o papel da leitura para a formação social do aluno?

O papel da leitura é formar o aluno um cidadão crítico, consciente, melhorar o vocabulário ampliar a erudição, etc.

9. Qual o incentivo dado aos alunos para influenciá-los a ler?

Tornando as atividades divertidas, motivando-os a ler as histórias em quadrinhos, cordéis, fazendo visitas a bibliotecas.

10. Utiliza a leitura de gêneros textuais como método de ensino de ensino de leitura? De que forma essa prática é desenvolvida em sala de aula? Conte-nos um exemplo.

Sim

11. Quais os critérios de avaliação utilizados para avaliar o nível de leitura dos alunos?

Observando como o aluno interpreta o que foi decodificado lido. ou seja se ele reconhece e interpreta os sinais linguísticos, se traduz uma mensagem em dados significativos e claros.

12. Durante sua formação, como se deu a abordagem de ensino de leitura para a atuação em sala de aula? Que concepções de leitura eram colocadas em discussão na sua época de graduação?

A leitura como atividade que leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, uma vez que o texto não é simplesmente produto de codificação linguística de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

13. As teorias vistas, sobre as perspectivas da leitura, durante a sua formação são aplicadas em sala de aula, ou seja, há como associar teoria e prática?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

CENTRO DE EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO PARA COLETAS DE DADOS DESTINADOS A PROFESSORES  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. O que é leitura?

É tudo aquilo que eu compreendo de forma verbal, não verbal ou mista.

2. Quais suas práticas de leitura enquanto sujeito social de linguagem?

Literaturas clássicas e contemporâneas, por falta de tempo, confesso que leio mais o que é necessário às aulas.

3. Além do contexto escolar, que outras instâncias letradas se encontram em suas práticas de leitura?

Tudo que esteja ligado a vida<sup>da</sup> sociedade e contexto geopolítico do meu País.

4. Ano de formação acadêmica (graduação): 2004

5. Possui outros títulos além da graduação quais?

Sim, Especialização e aluna do Mestrado

6. Participa de projetos para capacitação de professores? Quais?

Não.

7. Com que função a leitura é abordada em sala de aula?

No intuito de despertar a criticidade e curiosidade dos alunos.

8. O que você pensa sobre o papel da leitura para a formação social do aluno?

De suma importância se for aplicada da maneira ideal (fa que a perfeita não é possível dentro do contexto problemático da rede pública).

9. Qual o incentivo dado aos alunos para influenciá-los a ler?

Contar parte da história das obras indicadas para cada série de maneira que eles fiquem curiosos para saber o final.

10. Utiliza a leitura de gêneros textuais como método de ensino de ensino de leitura? De que forma essa prática é desenvolvida em sala de aula? Conte-nos um exemplo.

Ay vezes. Introduzo um tema, levanto discussão e acurmento o texto.

11. Quais os critérios de avaliação utilizados para avaliar o nível de leitura dos alunos?

Observação nos debates e práticas de escrita.

12. Durante sua formação, como se deu a abordagem de ensino de leitura para a atuação em sala de aula? Que concepções de leitura eram colocados em discussão na sua época de graduação?

Absurdamente atropelada por professores descomprometidos e sem nenhuma didática para tal; não atuavam de maneira sequenciada.

13. As teorias vistas, sobre as perspectivas da leitura, durante a sua formação são aplicadas em sala de aula, ou seja, há como associar teoria e prática?

Quasi nunca. Tive que buscar outros meios.